

## O USO DE *TABLETS* COMO FERRAMENTA DE AUXÍLIO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA<sup>1</sup>

Cátia Clein<sup>2</sup>  
Daniela Scherer<sup>3</sup>  
Alexandre Paulo Loro<sup>4</sup>

### Resumo

O artigo descreve uma experiência educacional que integrou o uso de *tablets* como ferramenta de auxílio na prática pedagógica inclusiva em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental. A sequência didática relatada ao longo do trabalho abordou temas como meios de comunicação, gênero textual de notícias e *fake news*. A metodologia seguiu uma abordagem colaborativa e interdisciplinar, promovendo o envolvimento ativo dos estudantes. Como resultado da experiência obtivemos a criação de um telejornal pelos alunos. A utilização de *tablets* permitiu a adaptação do ensino para alunos com diferentes níveis de alfabetização, evidenciando a versatilidade dessas ferramentas como instrumentos educacionais em uma prática pedagógica inclusiva.

**Palavras chave:** Educação Inclusiva, Prática Pedagógica, *Tablets*.

### INTRODUÇÃO

O curso de graduação nos permite vivenciar inúmeras possibilidades formativas. Ao estarmos próximas do final do processo de formação inicial tivemos a oportunidade de participar do Programa Residência Pedagógica (PRP), na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), no Curso de Licenciatura em Pedagogia - Campus Chapecó, com a temática “Possibilidades e Desafios da Educação Inclusiva: Direitos de Todos”. As práticas pedagógicas foram desenvolvidas em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual de ensino - Escola Básica Profª Valesca Carmen Reschke Parizotto.

As tecnologias da informação e da comunicação (TICs) surgiram após a criação da internet e tem como função facilitar o processamento, a transmissão e armazenamento de informações. Elas estão presentes em nosso cotidiano, ampliando as nossas possibilidades de interação fora e dentro da sala de aula (Pischetola, 2016).

Na execução de tarefas mais simples, até as mais complexas, a “cultura digital” está prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017). Nesse sentido,

<sup>1</sup> Programa Residência Pedagógica (Ensino) - Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó.

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó, [caticlein.cc@gmail.com](mailto:caticlein.cc@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó, [daniellascherer@gmail.com](mailto:daniellascherer@gmail.com).

<sup>4</sup> Professor Coordenador do PRP do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó, [alexandre.loro@uffs.edu.br](mailto:alexandre.loro@uffs.edu.br).

identificamos que desde 2005 o Ministério da Educação tem implementado Programas que orientam o uso de ferramentas digitais em sala de aula. Dentre eles se destacam: ProInfo Integrado, Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, Programa Banda Larga nas Escolas e o Programa Um Computador por Aluno (Prouca) (Echalar, 2017).

O “Programa Um Computador por Aluno”, por exemplo, foi responsável principalmente pela distribuição de aparelhos, sendo eles em sua maioria *tablets*. No entanto, nem todas as escolas da rede pública de educação receberam os aparelhos. Aquelas que receberam, não raro, os alunos necessitam usar em conjunto com um ou mais colegas, por não haver um aparelho para cada, sendo que esta situação também é a da escola de EEB Profª Valesca Carmen Reschke Parizotto.

Através da linguagem digital “[...] as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos” (Brasil, 2017, p. 63). Isto significa que não tínhamos como foco em nossa prática pedagógica apenas a aquisição e aperfeiçoamento de habilidades técnicas e utilização do *tablet*, mas também no âmbito social, político, educacional e da comunicação.

Percebemos durante o período de observação que a turma apresentava dificuldade de relacionamento interpessoal, como a evidente competitividade, além de especificidades e diferenças. Também constatamos dificuldades no processo de aprendizagem, além de alguns alunos ainda não estarem alfabetizados. A partir disso procuramos construir uma sequência didática que abordasse esses aspectos em uma perspectiva inclusiva, capaz de oportunizar o protagonismo, a autonomia e o trabalho coletivo com o educando. Nesta perspectiva, buscamos demonstrar que as ferramentas tecnológicas possuem funções potenciais na prática pedagógica, além do entretenimento e da comunicação, como são comumente utilizados.

Neste artigo, discorreremos sobre uma experiência de ensino, de sequência didática interdisciplinar. O objetivo é descrever uma experiência educacional que integrou o uso de *tablets* como ferramenta de auxílio na prática pedagógica inclusiva em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental. Buscamos desenvolver os conteúdos a partir de variadas práticas e recursos, dentre eles, com o auxílio tecnológico de *tablets*, tendo consciência da importância de tal prática na abrangência de possibilidades de uma construção coletiva.

## **METODOLOGIA**

O planejamento abrangeu três áreas distintas: Linguagens, Ciências Biológicas e

Exatas, compreendendo, respectivamente, Língua Portuguesa, Ciências e Matemática. Os assuntos abordados incluíram os meios de comunicação e o estudo do gênero textual "Notícia", bem como a temática ambiental, ao englobar tópicos como resíduos, reciclagem, coleta seletiva e os impactos dessas ações na sociedade. Além disso, houve uma exploração da aplicação prática da construção de tabelas e gráficos, utilizados como instrumentos para representar dados obtidos em pesquisas quantitativas.

A sequência didática buscou compreender os principais elementos do gênero notícia, sua estrutura e sua função social, problematizando a veracidade das informações, as *fake news*, o grande número e a velocidade em que circulam, além da degradação ambiental que o país vem enfrentando. Ao trabalharmos esses temas em uma perspectiva interdisciplinar encontramos ligações entre as diversas áreas do conhecimento, buscando assim, ultrapassar o pensamento fragmentado, pois compreendemos que: “a interdisciplinaridade é um elo entre o entendimento das disciplinas nas suas mais variadas áreas. Sendo importante, pois abrangem temáticas e conteúdos permitindo dessa forma recursos inovadores e dinâmicos, onde as aprendizagens são ampliadas” (Bonatto *et al.*, 2012, p. 02).

O planejamento foi estruturado em etapas que consideramos fundamentais para o desenvolvimento do educando sendo elas: Primeiro passo: Prática Social; Segundo passo: Problematização; Terceiro passo: Instrumentalização; Quarto passo: Catarse; Quinto passo: Prática Social, (Gasparin, 2005). Estes passos serão apresentados na seção específica, na qual relatamos como ocorreu a prática pedagógica utilizando a linguagem digital como uma ferramenta para potencializar a aprendizagem, além de também possibilitar a inclusão dos alunos que não estão alfabetizados.

## **CONTEXTUALIZANDO SABERES - PROMOVENDO A INCLUSÃO**

Como previsto pela Constituição (Brasil, 1988), a educação é um direito de todos e um meio pelo qual o sujeito possa ter acesso aos conhecimentos, à qualidade de vida, segurança e bem-estar social proporcionando seu desenvolvimento pessoal diante da sociedade. Depois da instituição familiar, a instituição escolar é um dos primeiros lugares onde passamos a ter contato e interação com os demais, com suas diferenças/singularidades, sendo um dos principais lugares para se discutir/pôr em prática a inclusão.

De acordo com a legislação brasileira, a educação inclusiva é um processo que visa ampliar a participação de todos os alunos em escolas regulares, e para que isso ocorra, é necessário mudanças profundas na cultura escolar, nos métodos de ensino e nas diretrizes

institucionais, a fim de atender as diversidades dos estudantes. Baseada em valores humanistas e democráticos, essa abordagem reconhece a singularidade de cada estudante e busca fomentar o desenvolvimento pessoal, a realização pessoal e a integração social de todos os envolvidos (Brasil, 2008).

Ante o exposto, surge a necessidade e importância de formar profissionais da área da educação capacitados e dispostos a reinventar suas práticas, pois a educação inclusiva é um processo de transformação cultural, que busca valorizar as diferenças e proporcionar o crescimento e a inserção social de todos os estudantes. Nessa perspectiva, segundo Valente (2005), “a sala de aula deve deixar de ser o lugar das carteiras enfileiradas onde alunos se sentam para ouvir um professor, para ser um local no qual professor e aluno realizam trabalhos diversificados em relação ao conhecimento”.

Ao analisar a referida citação, entendemos a importância de, ao longo do nosso processo formativo, ter o contato e a possibilidade de participação em programas como o Programa Residência Pedagógica (PRP) do Curso de Pedagogia da UFFS - Campus Chapecó, o qual nos permite vivenciar o espaço escolar em sua integralidade, aliando teoria e prática, bem como identificar as possibilidades de ensino da sala de aula.

Compreendemos que o aluno deve ser protagonista do seu processo de aprendizagem, em um modelo de educação que não ocorra apenas o repasse de conhecimentos científicos previstos pelo currículo. Nesta perspectiva, é fundamental que durante o planejamento e avaliação seja considerada as singularidades de cada aluno, validando suas vivências, experiências e os conhecimentos constituídos. Por isso buscamos refletir constantemente sobre o planejamento, a docência, a metodologia e a avaliação, pois compreendemos que estes fatores são decisivos para uma educação de qualidade, bem como para o desenvolvimento integral dos sujeitos, pois entendemos que é necessário trabalhar a partir da perspectiva da “pedagogia ativa, dialógica, interativa, integradora, que se contrapõe a toda e qualquer visão unidirecional, de transferência unitária, individualizada e hierárquica do saber” (Mantoan, 2003, p. 38).

A educação inclusiva é responsabilidade dos governos e dos sistemas escolares correspondente de cada país, se comprometendo “com a qualificação de todas as crianças e jovens, no que se refere aos conteúdos, conceitos, valores e experiências, materializados no processo de ensino-aprendizagem escolar, tendo como pressuposto o reconhecimento das diferenças individuais de qualquer origem” (Glat; Blanco, 2007, p. 16).

Em uma analogia com a “inclusão digital” na educação, podemos referenciar Pischetola (2016), ao enfatizar que não basta apenas disponibilizar as ferramentas, como os

*tablets*, pois não basta a aprendizagem do uso técnico, mas compreender todas as mudanças que a tecnologia trouxe para a época atual. Ou seja, os professores precisam investir em um planejamento que abarque o desenvolvimento de habilidades que possibilitam a compreensão dos alunos em relação a sua participação na sociedade através da tecnologia, e a capacidade de pesquisar, compreender, refletir e posicionar-se na relação social que o contexto da internet nos possibilita.

Trazermos essas reflexões para compreender o perfil do aluno que está presente em nossa sala de aula. Embora já tenham contato com essas ferramentas precocemente, ainda requer um letramento digital. Em outras palavras, precisa desenvolver competências muito mais amplas, desde a procura e acesso ao conteúdo, mas também a produção do mesmo, com seriedade, responsabilidade e criticidade, reforçando os benefícios propiciados por esses aparatos e os impactos causados, sejam eles, sociais, políticos, educacionais ou culturais.

O ser humano é compreendido como um ser histórico, que se constitui através de relações de ordem natural e/ou social. Na atualidade, o uso das TICs, também modificou a forma como nos relacionamos. Um exemplo disso são as redes sociais, locais onde as pessoas interagem umas com as outras. Sendo assim, ao refletirmos sobre nossa prática pedagógica baseada na perspectiva histórico-crítica:

“[...] é uma prática social e como tal é determinada por um jogo de forças (interesses, motivações, intencionalidades); pelo grau de consciência de seus atores; pela visão de mundo que os orienta; pelo contexto onde esta prática se dá; pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores e própria à realidade em que se situam” (Carvalho; Netto, 1994, p. 59).

A prática pedagógica baseada na pedagogia histórico-crítica tem consciência de que há uma determinação exercida pela sociedade na educação, e que a educação também exerce determinação sobre a sociedade, podendo transformá-la. Para isso, o professor precisa ter iniciativa e propor atividades que possibilitem a concepção e a ação, buscando transformar a realidade, realizando a união entre a teoria e a prática. Esse processo se inicia a partir do conhecimento prático da realidade educacional e, por meio de estudo e reflexão, evolui em direção a uma compreensão mais abrangente e enriquecedora.

Outro elemento de grande importância na prática educacional é o processo de diálogo, que requer a consideração dos conhecimentos prévios e da bagagem tanto do aluno quanto do professor. Essa interação e troca devem incluir, de forma contínua, a introdução de conteúdos historicamente produzidos. Além disso deve levar em conta os interesses do aluno potencializando a aprendizagem, pois desperta mais sua atenção e comprometimento com o

processo de ensino e com isso, também é necessário compreender que cada aluno possui um ritmo de aprendizagem, sendo necessário respeitá-lo e oportunizado diversas atividades que considerem as mais variadas linguagens, como oral, escrita, artística, digital, etc.

Com o intuito de colocar em prática uma educação inclusiva e tornar os alunos protagonistas do processo de aprendizagem, discorremos sobre meios de comunicação e em conjunto realizamos uma pesquisa a respeito dos mais utilizados por eles mesmos. Na sequência, elaboramos uma tabela e um gráfico que representavam a pesquisa de forma quantitativa.

Desenvolvemos estratégias que proporcionam o desenvolvimento de múltiplas habilidades. Primeiramente operacionais, ao poderem manusear a ferramenta e usufruir dos variados recursos, incluindo a leitura e escrita; habilidades informacionais, como a de pesquisar, selecionar e elaborar informações; e as de estratégias, em que poderiam desenvolver metas reflexivas, críticas e criativas a respeito da sua condição social, além do trabalho coletivo (Van Dijk, 2005). Estas competências tornam-se importantes quando utilizadas para um “letramento digital” (Pischetola, 2016).

Buscamos utilizar durante a sequência inúmeras ferramentas, dentre as principais, o *tablet*, oportunizando o aprendizado dos alunos por meio do seu contato e de seu manuseio. Ainda, a ferramenta disponibiliza o comando de voz, e as imagens, que oportunizam facilidade no acesso e interpretação, inclusive pelos alunos com dificuldade na alfabetização. O trabalho em duplas e grupos oportunizou a interação, o diálogo e a troca de ideias e opiniões.

## **A VIVÊNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS**

Atualmente as TICs permeiam todos os espaços e estão muito presentes no cotidiano. Por este motivo buscamos inseri-la em sala de aula, enquanto uma ferramenta conhecida para os alunos, capaz de facilitar e potencializar a aprendizagem de diferentes formas, como no caso de 3 alunos (em uma turma de 27 alunos) que ainda possuem dificuldades na alfabetização, e que a partir da utilização do *tablet* realizaram as pesquisas utilizando o comando de voz. Além disso, atribui-se novas utilidades para a ferramenta, que em muitos casos é vista apenas como um meio de comunicação ou entretenimento, não sendo utilizada para o acesso ao conhecimento e a elaboração de pesquisas. Ademais, na escola não há um *tablet* para cada criança manusear, No referido contexto, optamos por utilizá-lo para pesquisas em grupo, sendo possível explorar textos, artigos, blogs, notícias, vídeos, áudios e imagens.

A sequência didática ocorreu em etapas e foi desenvolvida ao longo de 5 semanas, com um encontro por semana. No primeiro estágio, conhecido como "Prática Social Inicial", realizamos alguns questionamentos para identificar os conhecimentos prévios dos estudantes e suas curiosidades acerca do assunto. Durante esse diálogo, conduzimos uma pesquisa sobre os meios de comunicação que eles conheciam e utilizavam, começando pela construção de uma nuvem de ideias.

No segundo estágio, chamado "Problematização", discutimos com os alunos o conceito de notícia, sua função e os problemas centrais relacionados à prática social das notícias falsas, compreendendo a importância disso, especialmente devido à proliferação de *fake news* no *WhatsApp* nos últimos anos. Refletimos sobre a necessidade de verificar a veracidade das informações em uma notícia, abordando a consulta a fontes, autores e diversos sites.

No terceiro estágio, ocorreu a "Instrumentalização do Conhecimento", utilizando recursos variados para a assimilação dos conceitos junto à experiência dos estudantes. Os dados coletados foram organizados em uma tabela e, durante essa construção, exploramos os conceitos e as características essenciais da ferramenta matemática usada. Em seguida, representamos essas informações em um gráfico, confirmando que o meio de comunicação mais utilizado era o *WhatsApp*. Também definimos os meios de comunicação e abordamos o conceito de *fake news*, escolhido como prática social a ser explorada, devido à disseminação intensa de notícias e informações nos meios de comunicação.

Após isso, organizamos a turma em duplas, com cada dupla realizando a pesquisa e análise de uma notícia diferente para identificar e compreender os principais elementos do gênero textual. Cada dupla utilizou um tablet para pesquisar e escolher uma notícia com tema orientado pelas professoras (lixo, reciclagem, coleta seletiva, impactos na sociedade). Aqui, promovemos a colaboração entre os alunos, incentivando a observação, interpretação de textos e imagens, bem como a compreensão das informações contidas no texto. Pedimos que eles auxiliassem um ao outro tanto em termos de conteúdo quanto no uso da ferramenta. Após a análise do texto, realizamos uma socialização em que discutimos as informações trazidas por cada dupla.

O quarto estágio, denominado "Catarse", teve como objetivo que os estudantes fizessem uma síntese mental sobre o conteúdo. Como atividade, propusemos que pesquisassem e escrevessem uma notícia e uma manchete destacando um tema e uma problemática, sempre considerando a importância da veracidade das informações. Para isso, dividimos a turma em 6 grupos, com a proposta de que realizassem pesquisas para escolher

um tema. Nesse momento, atuamos como mediadoras das discussões, conflitos e escolhas. Em seguida, relembramos os elementos principais do gênero notícia, para que eles produzissem sua própria notícia. Continuamos a atuar como mediadoras, agora ajudando os alunos a escolher as questões que nortearam a pesquisa e a construção da notícia, direcionando assim sua produção e valorizando as escolhas coletivas. Como forma de organização, os alunos utilizaram cadernos para anotar tanto as perguntas quanto as respostas, para que pudessem criar uma manchete. No caso dos alunos não alfabetizados, usamos esquemas e imagens para facilitar a compreensão.

O quinto estágio, "Prática Social Final", envolveu o comprometimento dos alunos em adotar uma nova abordagem prática com base no conhecimento adquirido. Para isso, propusemos a realização de um telejornal, permitindo que compartilhassem os conhecimentos com suas famílias após a gravação e edição. O telejornal criado pela turma do terceiro ano e pelas residentes foi chamado de "Jornal da Escola", resultado de uma escolha coletiva. A participação de todos envolveu compromisso e organização, com cada aluno desempenhando um papel importante na produção, além de compreender a importância de cada etapa do processo até esse ponto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o objetivo fosse realizar uma prática inclusiva, com o enfoque na inclusão digital, ainda não podemos afirmar que nossa sequência tenha contemplado todas as habilidades necessárias para tal. Porém temos certeza que a experiência relatada foi uma tentativa de realizar tal inclusão e obteve bons resultados. Na abordagem pedagógica adotada buscamos firmar um compromisso real com a diversidade e singularidade dos estudantes, incentivando a participação ativa, a autonomia, o trabalho coletivo e a consciência crítica e reflexiva. A utilização de tecnologias, como *tablets*, permitiu a adaptação do ensino para alunos com diferentes níveis de alfabetização, evidenciando a versatilidade dessas ferramentas como instrumentos educacionais.

Ao trabalhar com gêneros textuais, especificamente a notícia, os alunos foram instigados a analisar criticamente informações, desenvolver habilidades de pesquisa, interpretação e comunicação. O diálogo com um assunto relevante, as *fake news*, por exemplo, enriqueceu a abordagem, promovendo a reflexão sobre questões contemporâneas e sua relação com a sociedade. Nesse sentido, a metodologia ativa, dialógica e colaborativa adotada durante as diferentes etapas da sequência didática permitiu que os alunos se

envolvessem de maneira significativa na construção de conhecimento, culminando na produção de um telejornal.

Destacamos a importância de que não basta apenas ter a ferramenta, é necessário que os professores invistam em uma formação continuada, a fim de que possam reinventar suas práticas e adotar abordagens pedagógicas inclusivas, também com o auxílio das tecnologias, considerando a diversidade dos alunos e promovendo o engajamento ativo no processo de aprendizagem. Em síntese, o projeto não apenas consolidou os aprendizados, mas também promoveu habilidades de expressão oral, criatividade e trabalho em equipe. Por isso a importância de compartilhar tais práticas.

## REFERÊNCIAS

BONATTO, Andréia. et al. Interdisciplinaridade no ambiente escolar. **IX ANPED SUL**. Rio Grande do Sul. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva**. Brasília, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARVALHO, M. C. B.; NETTO, J. P. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1994.

ECHALAR, A. P. J. Programa “Um computador por aluno” o acesso às tecnologias digitais como estratégia para a redução das desigualdades sociais. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**. Rio de Janeiro, v. 19, p. 107 - 127. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/KpS3ZFqNdcPk6xSP3gczWMk#>. Acesso em: 30 ago. 2023.

GASPARIN, J. L. **Aprender, Desaprender, Reaprender**. 2005. Texto digitalizado.

GLAT, R. BLANCO, L. **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

PISCHETOLA, M. **Inclusão digital e educação: A nova cultura da sala de aula**. Rio de Janeiro. PUC-Rio, 2016.

VALENTE, J. A. O uso inteligente do computador na educação. **Revista Educação Pública**. v. 01, p. 19 - 21, 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/diferentes-usos-do-computador-na->



[educacao](#). Acesso em: 30 ago. 2023.

